

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## PEDRAS DE ANÉIS ROMANOS ENCONTRADAS EM PORTUGAL.

CARDOSO, Mário

Ano: 1962 | Número: 72

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal. *Revista de Guimarães*, 72 (1-2) Jan.-Jun. 1962, p. 155-160.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal

Por MÁRIO CARDOZO

Director do Museu de «Martins Sarmento»

De entre as numerosas peças de joalharia primitiva que o antigo comércio romano espalhou pelas províncias do Império, e que os achados casuais ou as pesquisas arqueológicas têm facultado aos estudiosos, são os anéis muito apreciados, especialmente pela delicadeza dos «motivos» artísticos esculpidos nas pedras semi-preciosas e gemas, que muitos deles ainda ostentam engastadas.

A glíptica, ou arte de gravar em pedras finas, tais como a ágata, a cornalina, a calcedónia, o jaspe, o onix, etc. <sup>(1)</sup>, possui uma tradição remota, parecendo que as origens desta arte remontam ao tempo das velhas dinastias egípcias <sup>(2)</sup>, tornando-se contudo, mais tarde,

---

<sup>(1)</sup> A *ágata* é, como a *cornalina*, uma variedade da *calcedónia*, que, por sua vez, é uma das variedades cristalinas do quartzo. É uma pedra dura, de aspecto semi-transparente e com uma série de listas rectilíneas, de cores diversas. É conhecida por este nome desde a Antiguidade. Na *calcedónia* incluem-se outros diversos quartzos cristalinos, como o *jaspe* (pedra opaca e corada, de cor vermelha ou amarela), o *heliotrópio* (esverdeado, com estrias vermelhas), ou o *crisoprásio* (cor verde). A *calcedónia* apresenta cores que vão desde o tom leitoso ao branco azulado ou ao amarelo pálido, mais ou menos translúcido; era geralmente este o material empregado na confecção dos conhecidos «escaravinhos-amuletos». O *onix*, que é uma variedade da *ágata*, apresenta, como esta, camadas de coloração diversa, não em listas rectilíneas, mas dispostas em anéis concêntricos.

<sup>(2)</sup> São muito característicos da joalharia egípcia os escaravinhos-amuletos. O falecido arqueólogo, Prof. Vergílio Correia, recolheu um desses objectos nas escavações que realizou numa necrópole pré-romana de Alcácer-do-Sal, o qual foi classificado pelo egiptólogo H. R. Hall, do Museu Britânico, como um autên-

também largamente empregada na joalheria de outros povos, como seja entre os gregos desde os tempos micênicos, e entre os etruscos e romanos.

Não são inteiramente conhecidos, em pormenor, os processos técnicos que esses povos antigos usariam nos trabalhos de glíptica, mas parece que empregavam o torno, os buris, ponteiros, brocas, o esmeril, e certamente outros utensílios manuais muito singelos, o que torna tanto mais dignas de apreço as verdadeiras obras primas que esses artistas realizavam com tão elementar ferramental, esculpindo belas figuras de tamanhos miniatúrais, algumas delas só bem visíveis com o auxílio de uma lupa, nessas pequenas pedras preciosas com que enriqueciam os anéis, os quais ficavam constituindo montagens que desempenhavam também a função de sinetes (1).

Muitas destas diminutas esculturas constituíam também autênticos amuletos, dadas as virtudes mágicas ou profiláticas atribuídas às diversas variedades de pedras (2), que ornamentavam igualmente, além dos anéis, os braceletes, os pendentos de colares e outros objectos de adorno pessoal, tais como essas belas jóias conhecidas pela designação de «camafeus», que geralmente eram esculpidos em relevo.

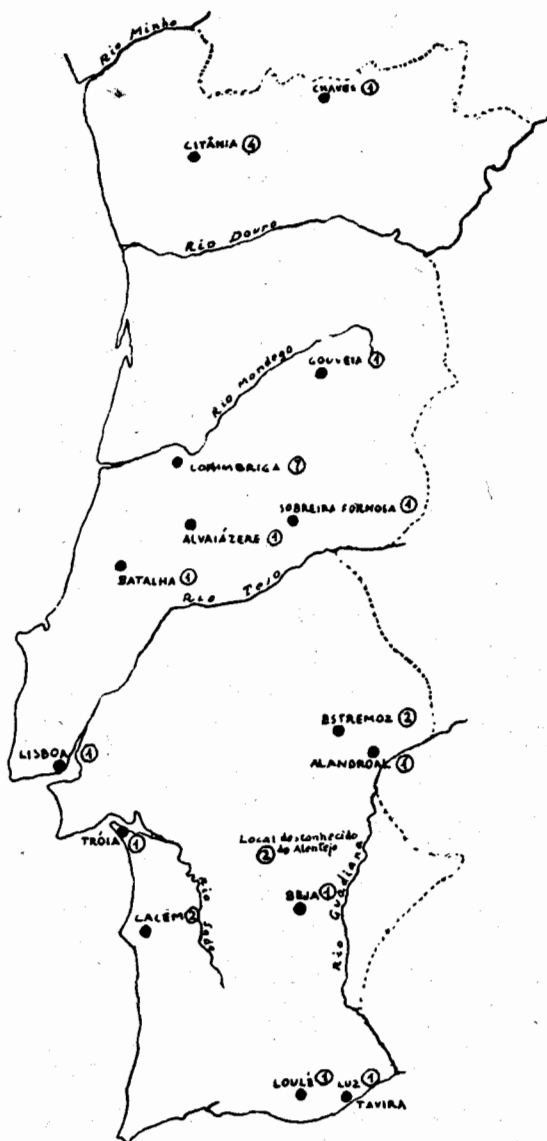
---

tico exemplar egípcio da Baixa-época, contemporâneo do rei Psamético I, da XXVI dinastia, que reinou nos anos 663 a 609 a. C. (Vide Vergílio Correia, «Um amuleto egípcio da Necrópole de Alcácer-do-Sal», sep. de *Terra Portuguesa*, Lisboa, 1925, n.º 41). É evidente que um objecto desta natureza, encontrado isoladamente, não é bastante para demonstrar a existência de quaisquer relações de comércio directo entre a antiga povoação de *Salácia* e o Egipto faraónico.

Sobre a história da glíptica oriental e a colecção de sinetes do Museu Arqueológico de Barcelona, vide: Jorge Quintana Vives, «Cilindro-sellos y sellos orientales en España», *Ampurias*, Barcelona 1944, vol. VI, p. 239 ss.

(1) Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris 1920, tomo II, p. 407.

(2) Os objectos considerados com poder profilático tanto pertenciam ao reino mineral, como ao vegetal ou animal. Assim, os romanos atribuíam virtudes mágicas e profiláticas ao ouro, à prata e a certas pedras preciosas, como o diamante, a ágata, o jaspe, a ametista, e também ao coral e ao âmbar. Entre os vegetais, incluíam-se diversos arbustos, como o espinheiro, o escalheiro e



Distribuição dos achados em Portugal de algumas pedras esculpidas de anéis romanos.

(Os números indicam a quantidade de exemplares encontrados em cada lugar).

Os «motivos» artísticos adoptados nas pedras de anéis eram quase sempre praticados em cavado, isto é, afundados ou gravados. As figurinhas ali deste modo entalhadas eram vulgarmente personagens extraídas da mitologia, mas também se usavam outras representações inspiradas, por exemplo, na fauna e na flora, que, por sua vez, eram atributos simbólicos de divindades do panteão greco-romano.

Todos os grandes museus de Arte ou de Arqueologia, como seja, por exemplo, o Museu Britânico possuem exemplares preciosos <sup>(1)</sup>. E, por serem estas jóias muito apreciadas e cobiçadas, quer devido ao seu valor como objectos antigos, quer como verdadeiras obras de Arte, têm grande procura pelos coleccionadores e antiquários, que chegam a reunir notáveis colecções. Basta lembrar, por exemplo, que em 1937 foi vendida em Londres uma soberba colecção destes anéis antigos num leilão que atingiu a enorme quantia de 15.000 libras!

Alguns escritores antigos, como Plínio e Teófrasto <sup>(2)</sup> deixaram notícias referentes às variedades de pedras finas empregadas na joalharia, e por vezes até alusões às figuras nelas contidas e seu significado <sup>(3)</sup>.

Na Península Ibérica os achados de anéis, completos ou simplesmente das pedras que os ornamentavam, não são raros, especialmente nas jazidas arqueológicas em

---

o loureiro; e ainda hoje muitas plantas são consideradas pelo povo supersticioso e inculto com virtudes especiais, como o alecrim, tão empregado em bruxarias e «defumadoiros». No reino animal distinguiam-se também pelas suas virtudes protectoras ou nocivas, o lobo, a cabra ou o bode, o touro, o morcego, a toupeira, a rã, o caracol, a aranha; certas aves, agoirentas ou não, como o pato, o mocho, o galo e o corvo; insectos vários como a vespa, o bicho-de-conta e a formiga; répteis como a cobra, a lagarta, o sardão e o camaleão (Vide Cagnat, *Op. cit.* II, 192).

\* <sup>(1)</sup> H. B. Walters, *Catalogue of the engraved gems and cameos greek, etruscan and roman, in the British Museum*, London 1926.

<sup>(2)</sup> Plínio, *Naturalis Historia*, cap. XXXVII; Teófrasto, *De Lapid.*, V.

<sup>(3)</sup> Plínio, por exemplo, alude ao anel de Pyrrhus, que tinha engastada uma pedra de ágata, na qual se viam as nove Musas e Apolo segurando a lira. Não se tratava, porém, de um trabalho artístico artificial, mas sim de um produto espontâneo da Natureza, formado pelos veios da própria pedra, dispostos de tal maneira que cada uma das Musas se via acompanhada inclu-

que os vestígios da romanização se tornam mais evidentes (1). Em Portugal, diversos museus e coleccionadores particulares possuem exemplares destas jóias. Mas têm sido mais frequentes os achados no centro e no sul do país do que no norte, onde a influência da romanização foi menos intensa e mais tardia (2). De alguns exemplares procedentes do *oppidum* de Conímbriga, que foi uma das povoações da Lusitânia mais profundamente romanizadas, os quais se encontram actualmente recolhidos no Museu «Machado de Castro», em Coimbra, tivemos autorização de tirar moldagens das respectivas pedras gravadas, por amável deferência

---

sivamente dos seus atributos particulares (*Nat. Hist.*, XXXVII, III). Fala-nos também de outra pedra notável, uma esmeralda, que continha gravada a figura de uma ninfa ou divindade aquática, a Danaide Amimona, pedra preciosa que fora vendida na Ilha de Chipre ou músico Isménias, tocador de frauta (*Idem, ibidem*). Refere-se igualmente ao célebre anel de Policrates, que este lançara ao mar como acto sacrificatório aos deuses, e continha uma magnífica esmeralda, porém lisa, sem qualquer figura cinzelada. Cita os nomes de alguns dos mais célebres gravadores de pedras e sinetes notáveis (*Idem*, n.º IV). Finalmente, alude a Cornélio Boccho, escritor supostamente lusitano (Vide J. L. de Vasconcelos, «Excursão archeológica a Alcácer-do-Sal», in *O Arch. Port.*, I, p. 69 ss.; e F. Bandeira Ferreira, «A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arroiolos) e o problema dos Cornélii Bocchi», Sep. de *O Arq. Port.*, Nova série, vol. III), o qual dizia que nos Montes Amaíenses (Portalegre), que ficavam na Lusitânia, se extraíam de minas blocos de cristal de rocha de um peso extraordinário (*Idem*, n.º IX).

(1) Sobre as colecções de alguns museus espanhóis, vide por exemplo os artigos de:

J. Ramón Mélida, «Piedras grabadas», *Arqueologia Española*, Barcelona, 1929, p. 383-385.

Martin Almagro, «La colección de piedras entalladas del Museo Arqueológico de Barcelona», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, 1944, Madrid 1945, vol. V, p. 67-69.

Concepcion Fernandez-Chicarro, «Camafeos y entalles del Museo Arqueológico Provincial de Sevilla», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*. 1950-51, Madrid 1953, vols. XI-XII, p. 60-74.

A. García y Bellido, «Piedras talladas», *Italica*, Madrid 1960, p. 159-160.

(2) De um modo geral, pode dizer-se que os anéis ornamentados com gemas gravadas só tardiamente foram introduzidos no Ocidente (Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, Paris 1914, vol. IV, p. 1268).

do Sr. Prof. Reis Santos, Director daquelle Museu; outro tanto succedeu com nove formosos aneis romanos de ouro, pertencentes ao tesouro do Museu Etnológico do «Doutor Leite de Vasconcelos», cujas pedras esculpidas o Director, Sr. Prof. Dr. Manuel Heleno, nos consentiu reproduzir em moldagem. Aqui renovamos os nossos agradecimentos aos dois illustres Professores universitários. Outras pedras foram encontradas no norte do país, por exemplo, na famosa Citânia de Briteiros, e também uma engastada num anel de ouro encontrado na região de Chaves; várias outras procedem da zona central, de entre o Douro e o Tejo, como, além das citadas de Conímbriga, as apparecidas em Gouveia, em Sobreira Formosa, em Alvaiázere, na Batalha e em Lisboa; e finalmente outros aneis ou as simples pedras avulsas foram encontradas em terras a sul do Tejo, como Estremoz, Alandroal, Setúbal, Beja, Santiago de Cacém, Loulé e Tavira, e ainda dois procedentes de locais desconhecidos do Alentejo.

Seria, sem dúvida, de grande interesse arqueológico que se procedesse ao inventário geral deste tipo de jóias, tanto das existentes em Portugal como em Espanha, em trabalho de conjunto dos arqueólogos dos dois países peninsulares, acerca destes preciosos exemplares de uma das artes menores mais apreciadas na Antiguidade, como foi a glíptica.

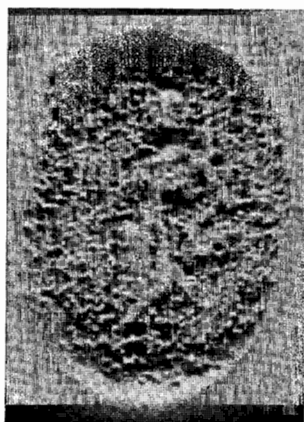
## DESCRIÇÃO DAS PEDRAS



1. Pedra de anel proveniente de *Conimbriga*. No Museu «Machado de Castro», de Coimbra. Contém uma figura de guerreiro segurando uma lança na mão direita, um escudo redondo na esquerda, e a cabeça coberta com um capacete (representação de *Marte?*). O escudo redondo é característico do guerreiro lusitano. A reprodução foi ampliada ao triplo do tamanho natural da pedra.
2. Pedra de anel proveniente das ruínas de *Conimbriga*. Bastante deteriorada. Conserva-se no Museu «Machado de Castro». Figura feminina com a perna esquerda cruzada sobre a direita. Representa uma *Ninfa?* A reprodução está no triplo do tam. nat.



1



2

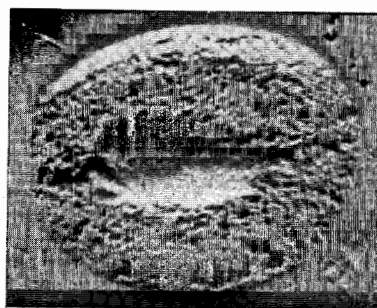
3. Pedra de anel, fragmento, procedente das ruínas de *Conimbriga*, no Museu «Machado de Castro». Parece representar uma figura de *Hércules* empunhando na mão direita a clava e na esquerda a pele de leão. Ampliação ao triplo do tam. nat.
4. Pedra de anel procedente de *Conimbriga*, no Museu «Machado de Castro». Figura de um cavalo galopando à direita. Atributo do *Sol*? da *Aurora*? Reproduzida ao quádruplo do tam. nat.
5. Pedra de anel proveniente das ruínas de *Conimbriga*, no Museu «Machado de Castro», figurando um golfinho. Atributo de *Apolo*? de *Cibeles*? de *Neptuno*? Ampliação 4,5 vezes o tam. nat.



3



4



5

6. Pedra de anel procedente das ruínas de *Conímbriga*, no Museu «Machado de Castro». Bastante deteriorada. Parece representar uma flor de *lotus*. Atributo de *Isis*? Ampliada ao triplo do tam. nat.
7. Pedra engastada num anel de ouro, adquirido em 1951, em Condeixa-a-Velha, pelo Prof. Dr. Bairrão Oleiro. Provavelmente procedente das ruínas de *Conímbriga*. É uma cornalina de cor castanha avermelhada. Representa a figura de *Minerva*, ostentando na mão direita uma estatueta da *Victória* e na esquerda o escudo e a lança. Na cabeça um capacete. Reproduzida 4,5 vezes maior que tam. nat.



6



7

8. Pedra de anel procedente das ruínas da *Citânia de Briteiros*, no Museu Arqueológico de «Martins Sarmento», em Guimarães. Representa um *cavalo* parado. É uma pedra de quartzo amarelo (falso topázio). Reprodução ao quádruplo do tam. nat. Encontrada nas escavações do ano de 1949 (Vide «Rev. de Guimarães», vol. 59, p. 413).
9. Pedra de anel procedente das ruínas da *Citânia de Briteiros*, encontrada nas escavações do ano de 1952 (Vide «Rev. de Guimarães», vol. 62, p. 355), no Museu de «Martins Sarmento». Representa um vaso, ou talvez uma *ara*. Ampliada seis vezes o tam. nat.
10. Pedra de anel procedente das ruínas da *Citânia de Briteiros*, encontrada nas escavações do ano de 1952 (Vide «Rev. de Guimarães», vol. 62, p. 355). No Museu de «Martins Sarmento». Parece representar uma *figura togada*, difícil de definir. Está ampliada ao quádruplo do tam. nat.



8



9



10



11. Pedra de anel procedente da *Citânia de Briteiros*, encontrada nas escavações do ano de 1960 (Vide «Rev. de Guimarães, vol. 70, p. 553»). Representa uma figura de homem, barbado, com o tronco nu, e da cinta para baixo envolto numa túnica. Representa *Esculápio*? Está depositada no Museu de «Martins Sarmento». A reprodução é quádrupla do tam. nat.
12. Pedra engastada num anel romano de ouro, adquirido em *Chaves* pelo coleccionador Dr. Montalvão Sampaio. É uma pedra de onix, de cor azul acinzentado sobre um fundo azul escuro. Está ampliada a reprodução duas vezes e meia o tam. nat. Parece representar uma figura de fiandeira, com o fuso na mão direita e a roca na esquerda. Uma *Parca*?
13. Pedra de anel procedente de *Sobreira Formosa* (Proença-a-Nova) no Museu Regional de Castelo Branco. Parece uma figura feminina encostada a uma coluna. Reproduzida ao dobro do tam. nat.
14. Pedra de anel procedente de *Gouveia* e publicada por L. de Vasconcelos em «O Arch. Port.», vol. XXIV, 271. Colecção particular. Figura feminina sentada numa cadeira, em frente de uma ara e com uma pátera na mão esquerda.
15. Pedra cornalina de um anel procedente de *Alvaizere*. Colecção particular. Publicada por L. de Vasconcelos em «O Arch. Port.», vol. XXII, 145. Imagem de um *bode*. Atributo de *Diana*? de *Mercurio*?
16. Pedra de quartzo translúcido, procedente de *Estremoz*, no Museu de «Martins Sarmento», em Guimarães. Representa um busto de mulher ostentando uma espécie de diadema radiado. Figura de *Diana*? *Mitra*? *Sol*? Está representada em ampliação tripla do tam. nat.



11



12



13



14



15



16

17. Pedra engastada num minúsculo anel de ouro, adquirido em *Estremoz* e pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa. Representa uma figura alada de *Cupido* segurando na mão direita a aljava e na esquerda uma seta. Tem o n.º 432 no inventário do tesouro do Museu. Está reproduzida oito vezes maior que o tam. nat.
18. Pedra de anel de ouro, encontrado em 1944 nas ruínas de *Miróbriga*, em Santiago de Cacém. Tem cor escura. Representa uma *Ninfa*, com o tronco desnudo encostada a uma ara e segurando na mão direita uma ânfora. Reprodução do «Diário de Notícias», de Lisboa, de 9-2-1945.
19. Pedra engastada num anel de ouro, encontrado no Castelo Velho de *Santiago de Cacém* e oferecido ao Museu Etnológico pelo numismata Teixeira de Aragão. Representa um busto feminino. *Retrato?* Tem o n.º 4 no inventário do tesouro do Museu Etnológico de Lisboa. Foi reproduzida ampliada ao quádruplo do tam nat.
20. Pedra de anel procedente de *Beja (Pax Iulia)*. Coleção particular. Foi publicada por L. de Vasconcelos nas «Religiões da Lusitânia», vol. III, 502. Representa um leão atacando um cavalo. A interpretação dada por L. de Vasconcelos é a seguinte: representação iconográfica de origem oriental, simbolizando a morte a destruir a vida.
21. Pedra de anel procedente de *Alte (Loulé)*. Coleção particular. Publicada por L. de Vasconcelos nas «Religiões da Lusitânia», vol. III, 268. Interpretação de L. de Vasconcelos: *Júpiter*, sentado, com o cetro na mão, o feixe de raios na direita, e a águia junto dele; na sua frente *Marte*, de pé, com o escudo e a lança. Pedra de cornalina.
22. Pedra engastada num anel de ouro pertencente ao Museu Etnológico, adquirido em *Lisboa*, em 1913. Tem o n.º 137 no inventário do tesouro do Museu. Representa uma figura de homem com um elmo na cabeça, segurando na mão uma lança e um escudo redondo, apoiado numa espécie de cipo, com a forma de uma mão fechada (figa?). *Guerreiro?* Quádruplo do tam. nat.



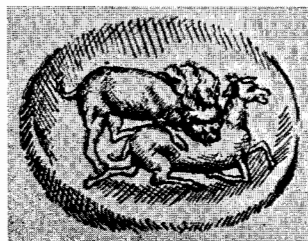
17



18



19



20



21

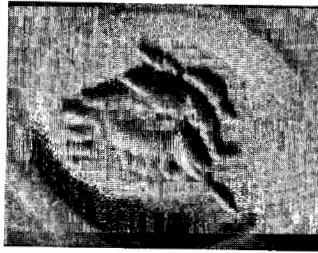


22

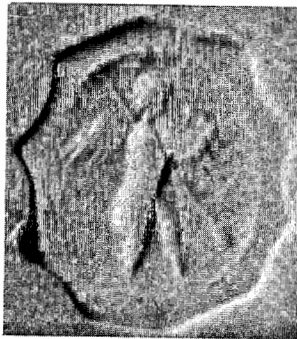
23. Pedra engastada num anel de ouro pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, e encontrado em 1920 perto de *Luz de Tavira*. Tem o n.º 181 no inventário do tesouro do Museu. Representa uma figura de *Minerva* encostada a uma coluna com o escudo aos pés e na mão direita uma estatueta alada de *Victoria*. Reproduzida ao quádruplo do tam. nat.
24. Pedra cor de leite com rebordo preto engastada num anel de ouro pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, onde tem o n.º 7 do inventário do tesouro desse Museu. Foi encontrada numa sepultura do *Alentejo*. Representa uma cabeça de *bode*. Publicado por L. de Vasconcelos em *O Arch. Port.*, vol. IV, 288, fig. 3. O bode é um dos atributos de *Luna* ou de *Mercúrio*. Reproduzido ao quádruplo do tam. nat.
25. Pedra de cor verde escuro engastada num anel de ouro, pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, onde tem o n.º 8 do inventário do tesouro desse Museu. Foi encontrado numa sepultura do *Alentejo*. Representa uma figura alada segurando uma lança. Parece uma representação de *Cúpido*. Foi publicado por L. de Vasconcelos no *Arch. Port.*, vol. IV, 288, fig. 2. Reproduzido ao quádruplo do tam. nat.
26. Pedra engastada num anel de ouro, pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, onde tem o n.º 128 do inventário do tesouro desse Museu. Foi encontrado numa sepultura romana em *Alandroal*. Representa um *galo* empoleirado num ramo. O galo é um dos atributos de *Mercúrio*. A reprodução é quádrupla do tam. nat.



23



24



25



26

27. Pedra engastada num anel de ouro encontrado em 1922, perto da *Batalha* e pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, onde tem o n.º 130 do inventário do tesouro desse Museu. Parece representar uma figura feminina alada com o tronco nu e a parte inferior envolta numa túnica, e segurando na mão uma ânfora apoiada na perna esquerda. *Ninfa?* Está ampliada ao quádruplo do tam. nat.
28. Pedra avermelhada engastada num anel de ouro pertencente ao Museu Etnológico de Lisboa, onde tem o n.º 1 do inventário do tesouro do Museu. Foi encontrado nas ruínas de *Troia* de Setúbal. Representa uma figura de guerreiro segurando na mão uma lança. *Marte?* Está reproduzida ao quádruplo do tam. nat.



27



28